

SALÃO DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XXIX SIC
**UFRGS**
PROPESQ



múltipla 
UNIVERSIDADE
inovadora  inspiradora

Evento	Salão UFRGS 2017: SIC - XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2017
Local	Campus do Vale
Título	Os escritores-narradores em Graciliano Ramos
Autor	ELISA HÜBNER ALVES
Orientador	CARLOS AUGUSTO BONIFACIO LEITE

Título: Os escritores-narradores em Graciliano Ramos
Autor: Elisa Hübner
Orientador: Carlos Augusto Bonifácio Leite
Instituição de origem: UFRGS

Nas três primeiras narrativas ficcionais de Graciliano cabe analisar uma figura em comum: o protagonista como homem de letras; escritor de romances, como João Valério em *Caetés*, de sua própria história, como o relato de Paulo Honório em *São Bernardo*, e de artigos e sonetos, como Luís da Silva em *Angústia*. Ao longo das narrativas, é possível identificar questões pertinentes aos três personagens, e com isso investigar como o romancista trabalha na construção desses narradores-escritores, dando forma, talvez, a certo “perfil de escritor”, burilado por Graciliano nos três romances e em diálogo com o papel do escritor nos anos 1930 no Brasil.

Em *Caetés*, João Valério é um guarda-livros que exalta os letrados e aspira à condição de escritor, pois acredita na distinção que a criação literária poderia lhe dar. Valério faz uso de adjetivos e expressões dos quais desconhece o significado, finge compreender conceitos abstratos para se aproximar dos letrados bacharéis e doutores, ao mesmo tempo em que se frustra pelos seus projetos inacabados, entre eles o livro do qual é autor sobre os índios caetés.

Em *São Bernardo*, Paulo Honório narra sua própria história, e não uma obra de ficção. O narrador escreve e transmite sua voz à narrativa como ela é: seca e autoritária. O ritmo prático e cortante reflete na sua escrita o quanto ele não pretende “banciar o escritor” (RAMOS, 2002, p.10), pois detesta os “artifícios das letras” que ocultam o que deveria ser evidente (Ibidem, p. 159). Paulo procura sempre fazer um balanço do que é útil e do que é dispensável nas informações que dá ao leitor, nos negócios, na administração de sua propriedade e em todas as suas relações pessoais.

Em *Angústia*, a narrativa de Luís é fragmentada, desconexa e fortemente invadida por trechos de seu passado. Ao lembrar-se da fazenda onde crescera, o protagonista do romance sofre com a perda de seu patrimônio, pois crescera e se tornara um “herdeiro sem herança” – termo empregado por Gomes (2015) em sua tese –, sem legado e sem sobrenome, e ele passa de “futuro proprietário” a um indigente na cidade grande, dormindo em bancos de praça e pedindo esmolas. Luís é o oposto de Paulo Honório em relação à sua posição social no momento em que narram. Luís narra sua vida de “pobre coitado”, e isso se reflete em sua narrativa na frustração e no tormento do personagem, preso à intervenção frequente de figuras e eventos do passado no seu processo de “autoanálise”, o que o aproxima do “homem subterrâneo” de Dostoiévski no ensaio de Candido (2012): “Ambos são homens acuados, tímidos, vaidosos, hipercríticos, fascinados pela vida e incapazes de vivê-la.(...) sentem um desejo profundo de aniquilamento, abjeção, catástrofe” (CANDIDO, op. cit., p. 112).

De seus quatro romances ficcionais, Graciliano Ramos constrói três escritores-narradores, seja de um projeto fictício ou de um relato “real”. A figura do letrado e da literatura nas obras entra em debate, junto do papel do conhecimento e do valor simbólico da criação literária. Partindo da perspectiva de Sevcenko (2003), que analisa o escritor como homem de letras engajado, pode-se discutir que Graciliano, no entanto, difere de outros escritores no engajamento de seus narradores. O autor parece seguir um caminho oposto ao representar escritores que jamais poderiam ser enquadrados como “heróis”, mas talvez como “canalhas”, e certamente como derrotados. É possível então traçar um percurso entre João Valério, Paulo Honório e Luís da Silva, com seus pontos em comum e suas especificidades com o intuito de identificar e aprofundar o papel do “escritor-narrador” nos três romances.